

Dívida deixa Funaro otimista

^{EXTERNA}
Aval do FMI fortaleceu posição brasileira ante credores

São Paulo — Ministros da área econômica de países desenvolvidos apóiam a renegociação da dívida brasileira nos termos propostos pelo governo brasileiro e que foi fortalecido com o aval do FMI, revelou o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, confiante em “uma boa renegociação da dívida brasileira no Clube de Paris”. Funaro anunciou, ainda, que, com os banqueiros internacionais, procurando redução no spread (taxa de risco) e alongamento nos prazos de pagamentos. Essa negociação poderá se iniciar ainda em dezembro ou mais tarde em janeiro.

Funaro acredita no apoio do Clube de Paris de autoridades de países como a França, Itália, Alemanha e Estados Unidos. “Hoje nós estamos reiniciando as negociações na mesma posição de um ano atrás, quando propusemos a todas as nações que o Brasil teria que fazer sua renegociação externa como membro do Fundo Monetário Internacional, mas sem nenhum acordo de monitoramento.

Poderemos ter uma visita de uma missão do Fundo, uma vez por ano, apenas para verificar como anda o programa econômico. Isso ocorre com países como a França, Estados Unidos e outras nações desenvolvidas”, afirmou Funaro. E acrescentou:

“A reunião do Clube de Paris que examinará a negociação brasileira será na quarta e quinta-feira — se o resultado da reunião do Clube de Paris for positiva, se as outras nações aceitarem o nosso relacionamento com o FMI, FMI, ficará aberta a possibilidade de o Brasil ter de volta todas as linhas de crédito para o financiamento de nossas importações, fechadas há mais de quatro anos. Isso permitirá que o Brasil continue tendo um crescimento financiado, tenho conversado com diversos ministros da economia de vários países e grande parte deles entende a posição brasileira e estão nos apoiando. Estou otimista quanto ao resultado da reunião do Clube de Paris”.

O ministro da Fazenda salientou, ainda, que determinada reunião do Clube de Paris vai se ter o balizamento das possibilidades

de negociação. Teremos a reunião com os bancos privados, ainda nesse final de ano ou início de janeiro.

“Vamos rediscutir toda a dívida porque essa carta ao Fundo, se aceita pelos países, certamente é um ponto importante que os banqueiros terão de aceitar. Permitirá a redução de spreads, não tenho dúvida alguma e teremos ainda alongamento de prazos”.

Funaro, calmo, em sua casa, afirmou que “o Brasil tentou fazer isso no governo passado, mas os banqueiros não aceitaram. Quero dizer, a proposta do presidente do Banco Central da época não foi aceita lá fora. Foi bom porque nossa proposta é melhor do que a anterior. Isso vai permitir ao Brasil um horizonte em termos de endividamento externo. Mais do que isso, será sua volta ao mercado, para discutir alguns refinanciamentos que são básicos para que o País não continue transferindo recursos. Nos últimos cinco anos transferimos 57 bilhões de dólares e recebemos cerca de 20 bilhões de dólares. Fizemos um grande esforço de ajuste externo e em compensação desajustamos internamente a economia brasileira, com alta taxa de desemprego, com crise social e com um salário mínimo que chegou em determinado momento a valer 27 dólares.

O ministro da Fazenda disse que este ano foi “muito pobre em termos de investimentos estrangeiros. Foi talvez um dos piores anos do Brasil. Normalmente um investimento em 1986 foi decidido entre 84 e 1985. As grandes corporações decidem sempre com um ou dois anos de antecedência. Em 1984 tínhamos a transição política pela frente e a Nova República se iniciando. Vivíamos um regime de inflação alta e ainda tínhamos um processo recessivo. Estamos colhendo agora as decisões de um e dois anos atrás. O próximo ano, pelo que estamos observando, parece que vai ser bom. Temos recebido visitas de investidores estrangeiros e tudo está indicando que teremos mais investimentos por aqui. Espero que isso ocorra, porque em 1986 transferimos mais recursos do que recebemos” - concluiu.